

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON**  
**3 de Outubro de 2020**

**GILIAP / 1975**

*Um filme de Roy Andersson*

Realização e Argumento: Roy Andersson / Direcção de Fotografia: John Olsson / Direcção Artística: Anna Asp, Soren Brunes, Lotta Melanton / Guarda-Roupa: Bo Moberg / Música: Björn Isfält / Som: Tommy Persson e Owe Svensson / Montagem: Roy Andersson e Kalle Boman / Interpretação: Thommy Berggren (Giliap), Mona Seilitz (Anna), Willie Andreassen (Gréven), Lars-Levi Laestadius (Kreip), Henry Olhans (o “abutre”), Reiner Mieth (cozinheiro gordo), Pernilla August (rapariga no hotel), Arne Leif Nielsen (Simonsson), etc..

Produção: Sandrews / Produtores: Kalle Boman e Goran Lindgren / Cópia em 35mm, cor, falada em sueco com legendagem electrónica em português / Duração: 137 minutos / Inédito comercialmente em Portugal

\*\*\*

**Giliap**, segunda longa-metragem de Roy Andersson (depois de **A Swedish Love Story**), foi um colossal fiasco de crítica e de bilheteira, que muito directamente conduziu ao longo período de silêncio de cerca de 25 anos, até ao ano 2000 e ao filme das “canções do segundo andar” (silêncio apenas episodicamente interrompido por algumas curtas-metragens). Desde então, e como sempre acontece nestas coisas, o filme passou do opróbrio ao culto – também à medida que se foi gerando e intensificando o estatuto de “cult hero” de Roy Andersson – e encontra hoje, na Suécia e para além dela, vários fervorosos defensores.

Uma das críticas que mais se fizeram ao filme na época da estreia foi a acusação de parecer “antiquado”. Não imaginamos o panorama das estreias suecas dessa época, mas é curioso pensar: “antiquado”, em relação a quê? Seja em relação ao que for – e o filme nada tem a ver com as declinações da “modernidade” tal como as encontramos no cinema de Bergman, para dar o mais esmagador exemplo sueco – é justamente esse lado “antiquado”, quer na descrição dos ambientes quer nos próprios ambientes, e também na própria linearidade narrativa, que parece mais interessante. Em primeiro lugar, porque descreve – naquele hotel cheio de vultos eles mesmo “antiquados” – uma cultura decididamente fora de moda, uma espécie de pequena burguesia com cheiro a mofo e muita naftalina, fazendo a sua “crítica” mas sem se virar muito contra ela. Depois, porque há uma melancolia (eventualmente mais genuína, seguramente menos grandiloquente e com as aspirações “sócio-metafísicas” mantidas sob maior controlo, do que em filmes futuros do “come back” de Andersson), uma melancolia quase musical, que se espalha pela narrativa e contamina as próprias personagens e relações entre as personagens, passando do apontamento humorístico (muitas das cenas no hotel, com os cozinheiros, o serviço de mesa, o ambiente do restaurante) a uma gravidade em pequena escala, muito visível à medida em que nos aproximamos do desfecho (quase todas as cenas na praia). Tudo isto se sobrepõe à narrativa, à história da golpada e ao contexto “criminal”, tornando-a mais um veículo arquetípico para chegar a determinadas ideias e

sensações do que um fim em si mesmo. De certa forma – e é um elogio – *Giliap* não anda, pelo menos em certos momentos (que põem a tónica nessa tristeza resultante da décalage anacrónica e do tom démodé), muito longe de alguns filmes de Aki Kaurismaki, que trabalham elementos semelhantemente anacrónicos para atingirem um sentimento aproximável, uma impressão de marginalidade encaixada nas costas do mundo dito “real”, o mesmo olhar sobre um grupo de gente “fora de tempo”, e portanto completamente “misfits”.

É certamente menos político, Andersson, e não é por exemplo nada seguro que **Giliap** pretenda dizer alguma coisa – severa, pelo menos – sobre a sociedade sueca. Há um certo solipsismo em Andersson, uma forma de introversão eventualmente acentuada no futuro, que também aquilo que mais graça tem nos filmes dele. Em **Giliap** isso aparece, certamente, de maneira muito menos auto-consciente do que apareceria depois. E é esse menor “espectáculo” – digamos assim – que conduz as coisas, e a atenção do espectador, para os momentos aparentemente menos significativos (o plano de abertura, as cenas no restaurante), para os gestos mais pequenos (o bouquet de flores), de onde Andersson extrai uma poesia discreta, mais à escala da humanidade do que à escala de uma tese sobre a humanidade, que faz de **Giliap** – tenha-se dito o que se tiver dito quando estreou – um dos melhores filmes do autor sueco.

Luís Miguel Oliveira